

OS AVÓS COMO TRANSMISSORES DE FÉ

*P.º António Janela **

Correndo o sério risco de desperdiçar o tempo que me é dado e, sobretudo, perder a vossa preciosa atenção, começaria, no entanto, por partilhar convosco uma reflexão que tive que fazer, numa outra circunstância, a propósito da transmissão de valores e do património e religioso em ambiente urbano, que é afinal o contexto sócio-pastoral em que me situo como pároco.

É certo que ninguém vive uma religião a partir do zero, nem cria a sua religião do nada. Como em todas as outras dimensões do humano, cada sujeito religioso nasce numa religião que o antecede e, através da linguagem, da cultura, do universo simbólico, dos usos, das crenças, procura os meios para realizar efectivamente o reconhecimento pessoal da Transcendência, ou seja, o acto de crer, graças ao qual se apropriará, personalizará e recriará o capital cultural e religioso que é posto à sua disposição pela família, pela sociedade, pela cultura e pela instituição religiosa da geração humana concreta em que nasce. Sem tudo isso, o sujeito crente não poderia nomear, nem interpretar, nem, por conseguinte, viver a experiência que o converte em crente.

1. Transmissão, tradição e memória

Como refere uma conhecida socióloga francesa, Danièle Hervieu-Léger, a memória está no próprio fundamento da religião. Entre religião e memória existe um laço estrutural. A tradição – que é o pôr em acto e a condensação, digamos assim, dessa memória – não só intervém na transmissão da religião, como faz parte do seu exercício e da sua vivência efectiva.

Ora, a tradição não é a mera continuação ou reprodução pelos agentes da transmissão da herança biológica; nem o mero trespassse jurídico da posse, como sucede na herança dos bens. O processo de transmissão incluído na tradição religiosa comporta uma assimilação, uma reinterpretação e, portanto, momentos de

* Universidade Católica Portuguesa.

ruptura, tão importantes como os de continuidade, exigidos pela situação necessariamente diferente das sucessivas gerações que intervêm no processo.

Por outro lado, a tradição não significa apenas o conjunto do que é entregue no acto de transmitir, nem o próprio acto de transmissão. Implica, também, a capacidade do conteúdo dessa memória inspirar e orientar, em graus diversos de intensidade, a vida, o momento presente da geração que recebe essa condensação da memória de que vive. A tradição comporta, pois, um aspecto de «autoridade reconhecida a esse passado para regular os assuntos do presente» (HERVIEU-LÉGER, Danièle, *La Religion pour Mémoire*, Paris, Du Cerf, 1993, p. 126).

O funcionamento concreto do processo de transmissão dependerá, em boa medida,

- da situação da geração a que se transmite o legado – no nosso caso, os netos;
- do seu distanciamento ou proximidade em relação à geração transmissora
 - os avós;
- e da base de convicções e evidências que lhe proporciona a própria cultura;
- e, ainda, da capacidade que essa situação cultural confere aos sujeitos para integrar os conteúdos da tradição e para aceitar o carácter normativo que lhes confere a sua condição de tradicionais.

A crise da transmissão religiosa nas sociedades ocidentais é algo observável à vista desarmada, um facto sofrido, intensa e frequentemente lamentado pelos crentes, pelas comunidades cristãs e seus responsáveis. Tal crise dever-se-ia, segundo alguns estudiosos, em primeiro lugar, à falta de credibilidade e plausibilidade dos distintos elementos do fenómeno religioso, especialmente das suas instituições.

Sem negar estes factos e a sua real incidência, outros sociólogos remetem, como marco mais amplo da crise da transmissão religiosa, a crise da transmissão da cultura, dos valores e das convicções nas sociedades ocidentais e, mais abrangente, a crise da comunicação e do diálogo entre gerações nessas mesmas sociedades. Tratar-se-ia, concluem alguns, de uma verdadeira avaria na correia de transmissão tradicional nas nossas sociedades. Uma avaria que oferece os sintomas mais preocupantes no clima reinante nos centros de ensino.

De uma forma mais sistemática, Danièle Hervieu-Léger liga a crise da transmissão a vários factos sociais. Em primeiro lugar, a destotalização da experiência humana, que resulta da diferenciação das instituições e que mina o fundamento dos sistemas religiosos ao desqualificar a sua pretensão de constituírem códigos globais de sentido capazes de conferir a sua coerência a toda a experiência humana, tanto individual como colectiva; em segundo lugar, o predomínio da

inovação, do presente e do instante nas sociedades contemporâneas, o que torna impossível a referência a uma ascendência e a uma linhagem compartilhada e à memória, ambas elementos estruturais das construções religiosas.

As sociedades modernas teriam então chegado a ser amplamente a-religiosas por serem sociedades «amnésicas», sem memória, onde impera a impotência crescente para fazer viver uma memória colectiva portadora de sentido para o presente, e de orientações para o futuro. Tal impotência dever-se-ia fundamentalmente à «desconstrução» dos sistemas globais de sentido que permite a diferenciação das instituições, e à perda das estruturas imaginárias da continuidade ligadas à estabilidade das pertenças familiares, locais, culturais, etc., pelas quais os indivíduos e os grupos, ao longo dos séculos, têm representado a continuidade da ascendência, da linhagem, em que a crença os inscrevia.

Desta maneira, o esvaziamento religioso observado nas sociedades modernas – que tem uma das suas chaves na crise da transmissão – encontraria a sua última razão de ser na «situação de amnésia que produz, nas sociedades tecnologicamente mais avançadas, a deslocação pura e simples de toda a memória que não seja imediata e funcional» («Pour une sociologie de la transmission religieuse», in Voyé, Liliane [éd.], *Figures des Dieux*, Paris, De Boeck Université, 1996, pp. 138-139).

2. A família na crise da transmissão religiosa

Que a família desempenha na transmissão um papel fundamental e que a família tem muito a ver com a crise actual da transmissão religiosa creio ser algo que não admite grandes dúvidas. Mas, aceite isto, haveria que considerar se as famílias não são o lugar sensível em que se repercutem uns tantos factores sociais e culturais que elas não dominam, mas em que se vêm envolvidas, como seriam, entre outros, a secularização e a consequente dissociação entre a socialização sócio-cultural e a socialização religiosa; a crise da autoridade tradicional e a perda de credibilidade das instituições.

Danièle Hervieu-Léger sublinha que «o desmoronamento da família tradicional, toda ela orientada para a reprodução da vida e para a transmissão, de geração em geração, de um património biológico, material e simbólico, constitui provavelmente o factor central na deslocação do imaginário da continuidade, núcleo da «crise religiosa moderna» e, em especial, da «crise da transmissão da fé». Desta maneira o esvaziamento religioso observado nas sociedades modernas – que tem uma das suas chaves precisamente na crise da transmissão – encontraria a sua última razão de ser na «situação de amnésia que produz, nas sociedades tecnologicamente mais avançadas, a deslocação pura e simples de toda a memória que não seja imediata e funcional» (*La Religion pour Mémoire*, Paris, Du Cerf, 1993, p. 192).

O que verificam aqueles que estão implicados nos processos de «transmissão de fé» – expressão esta, diga-se de passagem, que se presta a mal entendidos, pois a fé não é objecto de transmissão ou, pelo menos, de transmissão humana; objecto de transmissão será, antes, a religião ou a religiosidade em que cristaliza a opção do crente, mas não a opção crente em si mesma – aparece confirmado por recentes estudos da sociologia da religião.

Um sociólogo suíço, Roland Campache, que se tem dedicado a este tema da transmissão religiosa, nomeadamente na família, refere que «a religião já não se herda... é objecto de uma re-apropiação pelo indivíduo que pode desembocar em situações diferentes, tais como a ruptura definitiva, o restabelecimento condicional, a continuidade da sua relação com a instituição religiosa ou a eleição de um itinerário inteiramente pessoal» (CAMPACHE, Roland, *Figures des Dieux*, Paris, De Boeck Université, 1996, pp. 148-149).

Aqui se insere a questão – creio eu, a questão fundamental – da transmissão religiosa, ou seja, a tensão entre tradição e conversão.

A transmissão é, certamente, um campo de liberdade em resposta a um oferecimento de Deus. Mas, sem a decisão e a audácia de transmitir por parte da comunidade cristã, nas suas diversas instâncias, nomeadamente a família, não haveria ocasião do encontro das duas liberdades. De Deus nós recebemos a possibilidade de crer; da comunidade cristã, a começar pela família, recebemos os dados que permitem expressar a fé e vivê-la autenticamente. Gaston Piétri di-lo de uma forma sugestiva: «A transmissão propõe-se, em última instância, dar a palavra a outro. Porque a palavra de fé deve ser a dele e não uma pura reprodução de outra palavra qualquer. Mas essa sua palavra será palavra de fé sendo uma maneira inédita de dizer a única fé da Igreja» (PIÉTRI, Gaston, «Transmettre la foi», in *Étude* 3.953 (sept. 2001), p. 206).

3. Os avós como testemunhas da fé

Numa sociedade hoje marcada pela decomposição/recomposição das famílias, pelo pluralismo cultural e pelo individualismo, o papel singular e indispensável que cabe aos avós parece ser, antes de mais, o de se constituírem, precisamente, como memória familiar, serem de algum modo «guardiães do passado». Quantas vezes os netos os interrogam: «Como era o meu pai quando tinha a minha idade?»; «Conta-me avó como é que era quando tu eras pequenina?» Os avós têm um papel insubstituível neste introduzir os netos na sua história.

Nessas raízes indeléveis, mergulha afinal toda a nossa vida cristã, mesmo se a nossa conversão tenha acontecido já em adulto. Há tudo aquilo que a fé construiu em nós, a maneira como a fé contribuiu para fazer de nós aquilo que somos. Isto, sem já falar de toda a história da fé cristã, desde as suas origens judaicas, à vida de Jesus e à história dos que testemunharam Jesus Cristo até hoje.

Talvez mais do que os métodos de educação – educação mais permissiva ou mais autoritária – as questões morais e a prática religiosa, podem ser ocasião de discussões fecundas entre avós e netos. À medida que os netos crescem, os avós são levados a explicar as suas escolhas de vida, a justificar, digamos assim, a sua fé. «Vóvó, tu acreditas em Deus?» – perguntava uma pequenita de 8 anos. Antes de dar a resposta, a avó teve o cuidado de se informar: «que é que a mãe te diz sobre Deus?».

Se é certo que os avós têm geralmente com os netos uma relação muito próxima, não podem, no entanto, pretender tomar o lugar dos pais. Para transmitir aos netos o que nos faz viver, aquilo em que acreditamos, é necessário respeitar as opções dos filhos, as formas de educação que adoptam e a posição que tomam em relação à fé. Nesse sentido, creio ser preciso evitar a todo o custo que o anúncio da fé seja na família causa de conflitos. Tais conflitos, nessas idades mais novas, poriam os netos diante de uma escolha impossível. Nos primeiros anos, os pais são a principal referência da criança. Pouco a pouco ela irá crescendo, adquirindo a sua autonomia, e então os avós têm aí um espaço maior de liberdade face aos pais.

4. À medida que os netos crescem

Com os mais pequeninos o despertar da fé anda ligado ao despertar da vida. Viver a fé com os mais pequenos é despertá-los para a presença divina, para a vida interior, para a espiritualidade de que eles já são capazes. À quinta-feira tenho na paróquia a exposição do SS Sacramento durante todo o dia. É ver as avós, e até avôs, levarem os netos pequeninos junto do «Jesus», naquele clima de silêncio e de adoração... É a fé que se transmite, não tanto por uma comunicação alfabética, conceptual, mas pelo ambiente envolvente – a comunicação por «modulação» – que apanha todo o nosso ser... Mas é também o ir com os netos ao encontro de outros crentes ou a começar a escutar a narrativa das histórias da Bíblia. Não faltam hoje subsídios nesse sentido.

Quando os netos chegam à adolescência ou à idade adulta serão outras as maneiras como os avós transmitem a sua fé. Face a um certo distanciamento dos filhos adolescentes relativamente aos pais, com quem as relações muitas vezes se tornam difíceis, os avós ganham uma mais valia na relação com os netos. Os netos esperam dos avós algo diferente do que recebem dos pais. Com os pais crentes, o religioso aparece muitas vezes implicado no educativo, quer se queira quer não, e isso acaba por dar um matiz moral à religião. Relativamente aos avós, ao insistir-se mais em valores como a escuta, o acolhimento, eles vão situar-se, de algum modo, à margem do educativo e do normativo – é aquela «relação doce», em contraposição à «relação dura» de que fala Claude Lévi-Strauss. Assim os avós

como que suavizam o enfoque normativo do religioso e coincidem mais com os netos na sua busca de sentido para a vida. É um facto: a amabilidade, a consideração pelo outro/cônjuge, o amor, quando estão associados a convicções religiosas autênticas, acabam por marcar muito positivamente os netos.

Em tudo isto, dois elementos julgo serem indispensáveis: o diálogo e o testemunho.

Através do diálogo, o adolescente é particularmente sensível à sinceridade de uma atitude, à coerência na maneira como se vive. Creio ser talvez esta a pergunta mais importante que os avós se devem pôr: «que é que vale o meu testemunho? Sou coerente entre aquilo que anuncio e aquilo que vivo?» Certamente, nunca o acordo será perfeito, mas tender para tal e saber reconhecer a dificuldade disso, constitui um acto de humildade e de verdade que toca os adolescentes.

As jovens gerações interrogam-se, procuram a verdade, apesar, tantas vezes, das incoerências dos seus comportamentos. Mostram-se muito atentas à correspondência entre os actos dos adultos e as suas palavras, entre o que eles dizem e o que eles fazem. Os jovens desejam também dar deles próprios uma imagem de coerência. Há que interrogar-nos sobre a imagem que nós damos aos nossos netos, em particular sobre a nossa capacidade de traduzir nas nossas vidas aquilo em que acreditamos profundamente: a mensagem evangélica.

Contrariamente ao que se pensa muitas vezes, os jovens apreciam uma afirmação clara da nossa identidade cristã. Gostam de testemunhos autênticos e respeitam quem assim testemunha. No entanto, como referi, sabemos bem como há sempre uma distância entre o que dizemos acreditar e o que realmente vivemos. A autenticidade consiste também em reconhecer os nossos erros e as nossas fraquezas e, sobretudo, em não tentar, sem mais, justificá-los. Os netos terão tanta mais confiança nos avós quanto mais estes aceitarem que não são perfeitos.

Para estabelecer um diálogo verdadeiro é preciso aceitar ser contestado na maneira como se dizem as coisas e, também aí, procurar humildemente a maneira menos má de exprimir as nossas convicções. Às vezes convirá dizer simplesmente: «Estou convicto daquilo que te estou a dizer, mesmo que o não consiga explicar convenientemente».

A procura de autenticidade no testemunho da fé convida ao respeito e à tolerância. Trata-se de uma atitude contrária à intransigência, às verdades impostas. Mas não é, de maneira alguma, indiferença, em que nada seria importante e em que tudo teria o mesmo valor. A verdadeira tolerância é uma atitude de respeito e de diálogo. Supõe uma sólida firmeza nas nossas convicções e uma capacidade de admitir os valores dos outros.

É bom aceitar e respeitar a diferença, por vezes presente na nossa própria família. Só isso permite permanecer «em comunicação», que não é necessariamente, em tal caso, «permanecer em união», ou seja, concordar com os filhos ou com os netos.

Deus não nos força; chama-nos e espera a nossa resposta. Lembremos as palavras do Apocalipse: «Eis que Eu estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo» (3,20).

Tolerância, sim, lado a lado com fortes convicções. Não podemos dizer: «ora, façam lá o que quiserem; a vida é deles...» Os avós devem ser capazes de exprimir em que é que fundamentam as suas vidas, sem por isso julgarem os filhos ou os netos que agem diferentemente.

Se a religião é importante para os avós, por que não falar dela? O essencial é que falemos de um modo natural. Mas tudo que é «teledirigido» ou logo com juízos *a priori* não será aceite.

E a propósito disto, cabe aqui uma referência à questão da insistência no pedido de baptismo para o netinho, que pode tornar-se numa fonte de conflito familiar. Não esqueçamos: quando se trata de uma criança, esta decisão é inteiramente assunto dos pais. Os avós podem – e devem – esclarecer ou relembrar aos filhos o significado do baptismo. Mas, sobretudo, podem encaminhar para a oração esse forte desejo que têm do baptismo dos netos, uma oração de confiança em Deus, Ele que sabe conduzir cada um no caminho da vida.

Neste caso do pedido de baptismo, como no caso da não prática religiosa dos pais, é talvez preferível que os avós despertem antes o gosto, o desejo, a motivação, mostrando assim ao neto, que vai crescendo, como a fé pode enriquecer – e de que maneira! – a nossa vida. Recordo o caso de uma pequenita que perguntava à avó: «Que é a Páscoa para ti?» A avó respondeu-lhe: «Por que é me fazes essa pergunta a mim e não à tua mãe?» E a pequenita saiu-se com esta: «Eu sei que tu acreditas em Deus, por isso és tu quem me tem de responder». Esta criança vivia num ambiente em que não se falava muito de Jesus, mas ela sabia que a avó tinha fé.

Hoje, na família alargada onde chegam a coexistir quatro gerações, as situações podem ser muito diversas e diferentes os modelos educativos. Assim, se os pais são gente empenhada na vida eclesial, então os avós acompanharão naturalmente os netos, participando nas celebrações dos tempos litúrgicos fortes vividos em família (Natal, Páscoa); nas etapas significativas para a recepção dos sacramentos, partilhando com eles a alegria das festas; vivendo com eles a fé celebrada numa caminhada catecumenal, por eles tão valorizada enquanto reclama do jovem um acolhimento e uma apropriação pessoal. O que também marca os jovens crentes de hoje são as celebrações oracionais, quase monásticas, e os testemunhos que mexem com suas vidas. É como se convergissem estes dois eixos do religioso: a vinculação a uma Presença cheia de mistério e ao mesmo tempo uma procura para ligar essa vinculação pessoal à vida quotidiana.

Noutros casos, se são os próprios pais a pedir aos avós que assumam a iniciação à fé dos seus netos porque, dizem os pais, «não lhes sabemos falar disso...», então os avós aceitarão esse encargo – que, antes de mais, cabe sempre aos pais –

pedindo, no entanto, que os pais se mantenham ao corrente e que acompanhem da melhor maneira esta iniciação. Ela correria o risco de não ter qualquer sentido para as crianças se os pais não manifestassem algum interesse nisso. Trata-se, portanto, de devolver à mãe e ao pai a confiança na capacidade de falarem aos filhos das suas convicções religiosas. É bom que os avós passem, na medida do possível, a tocha da iniciação religiosa aos pais. É todo o esforço da catequese actual, que faz dos pais os protagonistas da educação cristã dos filhos.

Já com aqueles pais hostis a qualquer tipo de educação religiosa ou que expressam o seu profundo desacordo quanto às coisas da fé, o testemunho dos avós terá de ser mais discreto, respeitando a decisão dos pais, embora não a aprovem.

Por vezes, sentimo-nos desencorajados diante da inutilidade dos nossos esforços para falar aos nossos netos d'Aquele Deus que amamos. Queríamos tanto que eles descobrissem a alegria de Deus... Aqui, a paciência é uma atitude espiritual essencial. Acreditamos na paciência de Deus; procuremos partilhá-la. Confiemos n'Aquele que os ama mais do que nós somos capazes de os amar!

5. Escuta e disponibilidade – duas atitudes fundamentais

Lembremos, por fim, que a atitude fundamental do crente é a escuta. Se desejamos testemunhar a nossa fé temos de nos pôr à escuta da Palavra de Deus – «Felizes os que escutam a Palavra de Deus» (Lc. 11,28) – e à escuta dos que nos rodeiam.

Para viver melhor a relação com os netos há que estar disponível e escutá-los. A fé vive-se e comunica-se numa relação que pede uma grande disponibilidade interior e, naturalmente, tempo para dar aos netos. Em matéria de fé também os netos nos podem ensinar muito: o Espírito Santo trabalha os seus corações e há que saber discernir esses sinais. Por vezes serão pequeninas coisas: um gesto de generosidade, uma pergunta penetrante, uma palavra verdadeiramente espiritual...

A sociedade, a cultura, os valores não deixam de evoluir. Certos comportamentos, as diferenças de sensibilidade, um universo cultural tão novo e tão díspar, expresso nas palavras e nas atitudes dos nossos netos, tudo isso fará reflectir os avós. Há que escutá-los e procurar compreendê-los. Digo isto dos netos e digo-o dos avós. E quanto a estes, diria ainda que o importante é que os avós testemunhem e dêem aos netos a alegria de viver! Recordo aquela avó que me dizia que, para ela, a fé é a Ressurreição, não só na vida futura, mas já, desde agora. Para ela é a transfiguração do hoje num amor que dá confiança e perdoo. Ao falar assim, esta avó mostrava bem que a vida da fé – a vida espiritual – dando-nos um sentido novo, pode e há-de alimentar a vida presente. E os netos vivem intensamente o presente!

A mensagem de Jesus Cristo – nunca o podemos esquecer – é uma mensagem de felicidade: «Digo-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa» (Jo. 15,11).

Que testemunho podemos nós dar se as nossas atitudes, se as nossas palavras transparecem tristeza, amargura? Certamente, podemos estar cansados e até, por vezes, abatidos pela tristeza ou pelo sofrimento, mas é a mensagem evangélica da paz e do amor que nos faz viver.

Sabemos bem como as crianças são tão sensíveis a um clima de serenidade. Se nós somos avós portadores de paz, então os nossos netos poderão escutar e acolher a Boa Nova de um Deus de ternura que nos chama à felicidade! Então compreenderão o sentido das palavras que proclamamos em cada Natal: «Anuncio-vos uma grande alegria!».